

A VALORIZAÇÃO DA CARNE DE BOVINO DA RAÇA MIRANDESA (*)

POR

ANTÓNIO FRAGATA ¹
FERNANDO DE SOUSA ²
ÁLVARO MENDONÇA ²

RESUMO

Os bovinos de raça mirandesa correm o risco de extinção por ausência de um modelo de desenvolvimento ajustado à valorização dos recursos endógenos da Terra Fria transmontana.

A adaptação dos sistemas pecuários às potencialidades locais exige uma abordagem global que integre os aspectos económicos, sociais e biológicos.

A cada raça corresponde uma organização social. Uma estrutura de enquadramento para o desenvolvimento da fileira de carne mirandesa é esquematicamente apresentada no presente trabalho.

Os actuais criadores de bovino mirandês, e a sua Associação, ainda possibilitam o arranque de um sector de comercialização e abate. Este, no caso de vir a promover a melhoria dos rendimentos dos produtores, prestará um importante contributo para a preservação da raça mirandesa. Para tal, é também fundamental uma política coerente do Estado, em particular nos domínios da investigação genética e social, do crédito e do desenvolvimento experimental.

Palavras chave: Bovinos, Raça mirandesa, Carne, Comercialização.

Entre as raças portuguesas, a mirandesa foi sempre considerada a melhor na função dinamófora e nos rendimentos de carcaça. É famosa a carne desta raça e a posta mirandesa é um dos pratos mais apreciados na gastronomia transmontana.

* Comunicação apresentada ao Congresso Internacional de Zootecnia. Universidade de Évora, 3 a 6 de Abril de 1991.

¹ Instituto Nacional de Investigação Agrária.

² Escola Superior Agrária de Bragança.

O efectivo mirandês, estável desde 1870, sofreu uma forte erosão a partir de meados deste século. O actual solar inclui-se em duas diferentes zonas agro-ecológicas de Trás-os-Montes: zona montanhosa de Vinhais e Bragança e planaltos de Miranda do Douro, Mogadouro, Vimioso. A raça resistiu nestas áreas, mais na montanhosa do que na planáltica, a qual foi, nas duas últimas décadas, invadida pela vaca preta e branca leiteira em sistemas de produção entretanto integrados na agro-indústria do litoral noroeste e na indústria nacional de alimentos compostos.

O progressivo abandono da raça pode ser encarado como resultado da inexistência de um modelo de desenvolvimento ajustado a meios considerados marginais ou difíceis e da ausência de uma organização regional adequada às potencialidades da pecuária local.

Num cenário caracterizado por:

- 1) perspectivas de expansão de uma agricultura alternativa, com incorporação mais completa dos processos naturais na produção agrícola, redução no uso de inputs prejudiciais ao ambiente e à saúde de agricultores e consumidores, uso mais eficiente do potencial biológico e genético de vegetais e animais e produção eficiente assente na gestão, conservação do solo, água, energia e recursos biológicos (Committee, 1989);
- 2) competição crescente nos mercados mundiais de uma carne de bovino banal, padronizada e a baixo preço no produtor;

os actuais núcleos de bovino mirandês podem constituir um importante contributo para sustentar uma estratégia de desenvolvimento a partir das realidades locais, tal como é recomendada pela Comissão das Comunidades Europeias (CCE, 1988).

Esta estratégia fundamenta-se na diversificação económica, reforço das relações inter-sectoriais, manutenção das populações rurais, no aproveitamento e valorização dos recursos endógenos, produção diferenciada de baixos custos económicos e energéticos e em produtos de alta qualidade. Perante uma estratégia deste tipo, a região de Trás-os-Montes está vantajosamente colocada: por não ter sido sujeita, em vastas áreas, a aberrantes programas de modernização agrícola; possuir uma tradição de produtos de alta qualidade; e estar relativamente próxima de importantes mercados europeus saturados de produtos de massa e com consumidores de elevado poder de compra.

A valorização das raças e a adaptação dos sistemas pecuários às potencialidades locais, defendidas entre nós por variados autores (Silva, 1985), (Gouveia, 1989), (Cláudio *et al.*, 1988), implicam uma abordagem global, na qual destacamos os seguintes aspectos:

- a) visão sistémica e simultânea dos diversos níveis de regulação dos sistemas agrários e pecuários, passando pelo agricultor, a aldeia e a região. Ainda hoje, é raro valorizar cultivares e raças animais tradicionais no seu próprio agro-ecossistema (Bérard *et al.*, 1991);

- b) integração das ciências biológicas e humanas, dos fenómenos técnicos e culturais. Não é inútil recordar que, além do animal, é preciso conservar o homem num meio físico difícil;
- c) análise das racionalidades dos diversos tipos de produtores. O bovino mirandês desempenha funções variadas nos sistemas produtivos — produzem carne, leite, trabalho e estrume e constituem um elemento de capitalização individual e de representação social — e existe todo o interesse em coexistirem diferentes combinações de práticas que façam um uso diferenciado dos meios físicos (Vissac, 1980). O domínio do manejo do gado em situações extensivas é largamente dominado pelos saberes empíricos dos criadores, que a pesquisa deve inventariar e conhecer (Bonnemaire & Vissac, 1988);
- d) nos objectivos de selecção de raças aleitantes não separar os caracteres de crescimento do conjunto constituído por estes caracteres e os de fertilidade e de aptidão maternal das fêmeas reprodutoras (Bonnemaire & Vissac, 1988). Convém referir que uma pesquisa orientada para elevadas performances pode conduzir a modificações desfavoráveis dos factores de qualidade da carne (Dumond: 1975);
- e) análise da qualidade das carcaças e das potencialidades e qualidades das forragens e ervagens locais;
- f) conhecimento aprofundado dos actuais circuitos de comercialização e do comportamento de marchantes, negociantes e agentes dos organismos estatais; análise da articulação entre as variáveis características das disparidades (diferenças ligadas aos rendimentos dos consumidores, à região, ao turismo...) de consumo de carnes de bovino e dos preços relativos destas.

A adaptação dos sistemas pecuários às realidades regionais impele a confrontar e associar as estratégias dos diferentes actores. As fileiras de produção funcionam a partir de um consenso social entre agrupamentos de produtores, comerciantes, cooperativas e indústrias (Vissac, 1980), a que se podem acrescentar investigadores, técnicos e consumidores.

A cada raça corresponde uma organização social (Bonnemaire & Vissac, 1988) e uma estrutura de enquadramento de bovino mirandês para o desenvolvimento da sua fileira (uma representação esquemática possível é apresentada na figura 1) deve procurar uma coesão entre os referidos actores. A estrutura integradora deverá, no essencial, atenuar a grande dependência do criador das restrições biológicas e económicas a que está sujeito, modificar o actual funcionamento do mercado regional de carne de bovino (com preços baixos aos produtores, iguais para todas as raças) e identificar um processo de valorização económica específica para a raça mirandesa, melhor forma de conservar uma raça ameaçada.

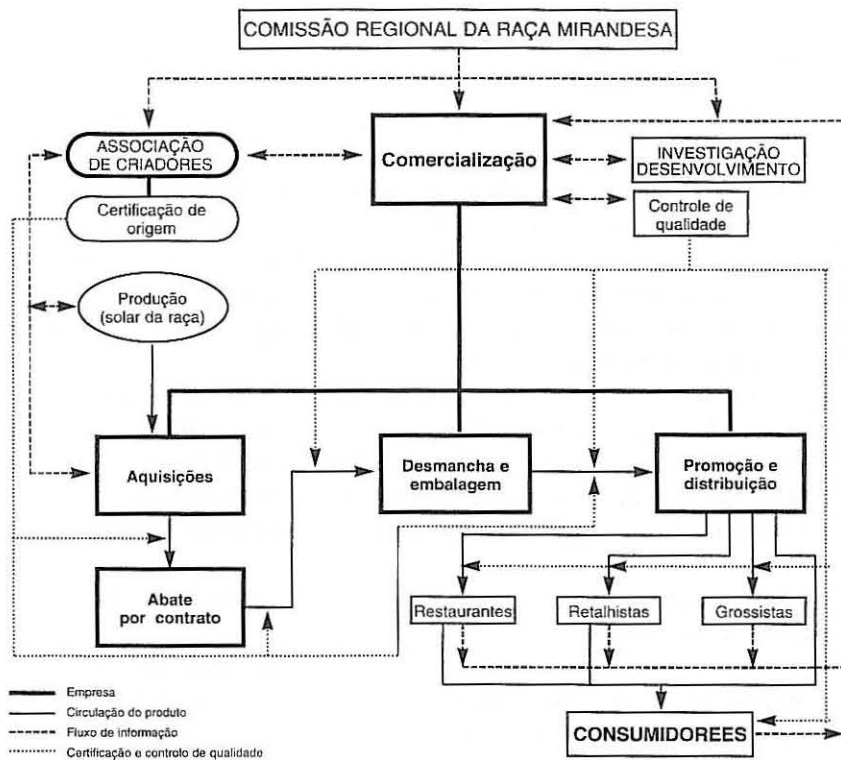


Fig. 1 — O enquadramento da raça mirandesa

Para a Associação de Criadores é primordial ter em conta a diversidade dos produtores e a convergência (ou não) dos seus projectos individuais como um projecto de interesse colectivo (Andiot *et al.*, 1984). Deverá resistir à tentação, eventualmente inconsciente, do enquadramento técnico exclusivo dos criadores especializados. Esta atitude, além de acentuar a sua fragilidade, seria incompatível com uma diversidade de situações que está na base das adaptações locais dos sistemas pecuários.

Apesar da erosão da raça, os actuais criadores de bovino mirandês ainda possibilitam o arranque de um sector de comercialização e abate. Abateram-se, em 1989, nos matadouros regionais — Cachão, Mogadouro, Miranda do Douro e Vimioso — 3488 vitelas (peso médio de carcaça 108 kg) e 3812 bezerros e novilhos (peso médio de carcaça 180 kg), que representam 43% do peso abatido de todas as raças e um valor de produção anual de cerca de 1 milhão de contos. O abate de carcaças de vitelas, bezerros e novilhos garante um abastecimento regular do mercado: oscila durante o ano entre 400 a 600 e 500 a 1000 carcaças, respectivamente, com picos mais elevados no mês de Agosto (cerca de 900 e de 1400 carcaças) devido ao afluxo de emigrantes e turistas.

A concentração geográfica da estrutura de comercialização, abate e distribuição não se deve opor ao uso coerente do polimorfismo e das potencialidades das diferentes zonas do solar do mirandês. Essa estrutura deverá evitar exageradas dimensões de sectores administrativos e técnicos, pesados investimentos nas cadeias de comercialização e transformação, os quais se poderiam traduzir em restrições nos preços da carne aos produtores.

A estrutura integradora de uma raça local, como o bovino mirandês, deve assentar numa forte organização enquadrada por uma política coerente e contínua do Estado, em particular nos domínios da investigação genética e social, do crédito e do desenvolvimento experimental, em articulação e coerência com os actores do sistema comercial.

Em relação aos sistemas pecuários dominantes, leiteiros e de carne, já muito organizados e hierarquizados, as raças locais apelam a abordagens e conceitos diferentes, cuja novidade e complexidade são um freio objectivo à sua conservação e desenvolvimento, essenciais à evolução de vastas áreas e de populações rurais em perigo de declínio.

BIBLIOGRAFIA

- AUDIOT, Annick; Gibon, Annick; FLAMANT, J-C (1984) — La conservation des races menacées: quels éleveurs?, *Ethnozootechnie*, 33, 71-78.
- BÉRARD, Laurence; FRAGATA, António; CARVALHO, Agostinho de; MARCHENAY, Philippe; SILVA, Jorge Vieira (1991) — Cultivars locaux, *Ethnobiologie et Développement*. In: La conservation des espèces sauvages progénitrices des plantes cultivées. Conseil de l'Europe, Strasbourg, 78-84.
- BONNEMAIRE, J., VISSAC, B. (1988) — Races bovines et modèles de développement, in M. Jollivet — Pour une agriculture diversifiée. Arguments, questions, recherche. Éditions L'Harmattan, Paris, 252-267.
- CLÁUDIO, Domingos; MARTINS, L. Cortes; PORTUGAL, A. Vaz (1988) — Sistemas de selecção e produção de raças bovinas de carne, especializadas ou não, na área mediterrânica, *Medicina Veterinária*, 30, Janeiro/Abril, 4-16.
- CCE (1988) — L'avenir du monde rural, Communication de la Commission au Parlement Européen et au Conseil, *Bulletin des Communautés Européennes*, 4/88, Luxembourg, 71 p.
- COMMITTEE (1989) — Alternative Agriculture, Committee on the Role of Alternative Farming Methods in Modern Production Agriculture, Board on Agriculture, National Research Council, National Academic Press, Washington, 448 p.
- DUMONT, B. L. (1975) — Races et Qualité des Viandes, *Ethnozootechnie*, numéro special, 39-45.
- GOUVEIA, Adelino (1989) — Arouca. A Terra e as Gentes. Cooperativa Agrícola de Arouca, Arouca, 95 p.
- SILVA, Jorge Vieira (1985) — A Ecologia e o Desenvolvimento Agrícola. *Ulmeiro/Agricultura*, Lisboa, 104 p.
- VISSAC (1980) — Adaptation des Systemes d'Elevage aux Realites Regionales. *Centcinquenaire de l'École Supérieure Agronomique de Rennes*, 27 p.